Pós-Graduação – Engenharia Mecânica – Escola de Engenharia de São Carlos

Preparação Pedagógica

Texto N. 1

Profa. Dra. Paula C.G. M. Crnkovic

Paideia Greco-Romana e a escola do alfabeto no mundo antigo

Para compreender as dimensões do conhecimento acumulado pela humanidade, buscamos nossas raízes na civilização grega. A partir do conhecimento da Grécia Clássica podemos pensar criticamente a educação na atualidade.

Partindo do conhecimento do modelo da formação integral humana, podemos compreender melhor o significado da paidéia. De acordo com Jaeger (2003, p. 3), a palavra Paideia, é de difícil definição, assim como outros conceitos de grande amplitude, por exemplo, cultura ou filosofia.

Segundo este autor, Paideia é um termo grego, cuja designação está relacionada com um tema histórico recoberto pelo espírito grego que, aos olhos do homem moderno, poderia englobar conceitos como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação. Porém, para exprimir o campo total do conceito grego, teríamos que empregar todas estas expressões modernas de uma só vez.

Desde que a humanidade começou a se organizar em sociedades, a educação sempre esteve presente. Nas sociedades mais primitivas se praticava a educação no ambiente familiar, predominando também a ginástica e a música. Estas últimas eram consideradas, por muito tempo, modelo de política e de educação por todos os conservadores gregos (MANACORDA, 1989, 47).

A função da música era um meio de potencializar a aprendizagem, já que a escrita ainda não era utilizada (BITTAR, 2009,p.18).

Tanto na Antiguidade, quanto em qualquer outra sociedade, incluindo a atual, a família é o primeiro lugar de socialização. A família é o ponto central da identidade física, psicológica, cultural e ideológica dos indivíduos (CAMBI, 1999, p.80). Assim também foi o papel da família na Antiguidade, que se caracterizou fortemente como patriarcal, mas também coube à mulher o papel de esposa, mãe e criação dos filhos.

Na cultura antiga, a criança não é valorizada e sim, considerada uma idade de passagem. No ambiente familiar as crianças são assistidas pelas mulheres, mas submetidas à autoridade do pai (CAMBI, 1999, p. 81).

É da união das famílias que nasce a comunidade social, originando assim a *pólis*, entre os séculos VIII e VII a.C. (BITTAR, 2009, p18; CAMBI, 1999, p. 80). Surge com a *polis* a preocupação com a educação.

Dentre as *polis* gregas, Atenas e Esparta ocuparam papel primordial, principalmente no direcionamento político, social e cultural. Nessas cidades a educação era tarefa do Estado.

No cenário da *polis*, a palavra consistia no instrumento da vida política. O objetivo desta sociedade, com base escravista, era formar com a finalidade de poder, ou seja, formar para governar. Assim, o falar bem e ter boa retórica eram a essência da educação das crianças e jovens pertencentes às classes sociais dominantes (BITTAR, 2013).

A educação do cidadão consistia na dualidade do falar e do fazer, ou seja, o falar estava atrelado à formação para exercer a política à arte da retórica, à arte de governar (na velhice), e o fazer para a preparação da guerra (na juventude) (Bittar, 2009, p. 17).

Esta forma educacional tem a herança do Egito e, posteriormente, se propagará para Roma, que formará o império (BITTAR, 2013).

Entretanto, é com o advento da *polis* que se desenvolve a vida política, democracia para todos os cidadãos livres e assim nasce, por volta do século V a.C, a escola de escrita na Grécia Antiga (BITTAR, 2009, p. 19; MANACORDA, 1989, p.49). Antes do surgimento destas escolas, a escrita era muito complexa e era dominada por uma classe específica de homens com posição privilegiada - os escribas (MANACORDA, 1989, p. 48).

Com a escola de escrita, surge um meio democrático de comunicação e educação, junto aos mestres de ginástica e música, há também o mestre das letras do alfabeto - o *grammatistés* - que passa a exercer uma importante função social.

Foi por meio da escola que a escrita se difundiu rapidamente. Uma comprovação histórica importante da existência de escolas frequentadas por muitas crianças é sobre o episódio ocorrido na Ilha de Quios. Manacorda (1989, p. 50) transcreve uma narrativa das Histórias de Heródoto, sobre o relato ocorrido em 496 a.C. da queda do teto sobre cento e vinte crianças e que somente uma se salvou.

No início do século V a.C. já existia uma escola de letras ou de *bê-a-bá*, mesmo sob a resistência dos conservadores, pois, segundo estes, a introdução da escrita poderia ser uma forma de negligenciar a memória. Esta era também a posição de Platão, pois a memória era muito valorizada naquela época, ressaltando o fato de que os alunos aprendiam e recitavam de cor a *Ilíada* e a *Odisséia* de Homero.

No ramo do saber, a filosofia clássica grega se consagra na figura de dois grandes filósofos: Platão e Aristóteles. Na concepção de Platão, a cultura e a educação devem nutrir o homem livre de modo a elevar sua condição humana e iluminar seu espírito. Já

Aristóteles, discípulo de Platão, defendia que a educação não deveria ter uma finalidade prática. A educação do jovem da classe dominante deveria ser exclusivamente intelectual e política na formação do futuro governante. No livro VIII da *Política*, Aristóteles afirma que a educação deve ser necessariamente uma só, a mesma para todos e que a supervisão deve ser um encargo público. “O que é comum a todos deve ser aprendido em comum”. No capítulo II do livro VIII da *Política* coloca em questão a utilidade dos quatro ramos da educação: gramática, ginástica, música e o desenho.

Esta é a formação de uma humanidade superior, uma formação omnilateral, é o horizonte da Paidéia grega. A matriz da paidéia grega está focada no “homem completo”. Tendo como seus grandes representantes os filósofos e educadores, foi na Paidéia grega que se criaram muito do que perduram até hoje em nossa vida social e cultural.

Quando Roma conquista a Grécia, a cultura grega é absorvida pelos romanos, o grego torna-se a língua culta, inclusive há a incorporação do modelo da escola grega na vida dos romanos. Neste caso, é a cultura do povo conquistado (gregos) que se sobrepõe sobre os conquistadores (romanos). Transformações religiosas, políticas, culturais, filosóficas ocorreram neste processo de fusão denominado pelos historiadores como cultura greco-romano.

Cosmvisão cristã e educação na Idade Média

Para falar do cristianismo, introduzo este assunto seguindo as idéias de Cambi (1999, p. 37) ao explicar a história como um organismo, ou seja, a história é um processo dinâmico em que o que está antes condiciona o que vem depois. Por exemplo, por trás do nosso presente opera a modernidade. Por trás da modernidade, coloca-se a Idade Média e, por trás desta, a Idade Antiga. Ou ainda, o Oriente pode ser posicionado como matriz de muitas formas culturais do Ocidente. Dentro desta dinâmica da história, Cambi (1999, p. 47) citando o historiador Mario Attilio Levi assim se refere às influências do mundo clássico: “mesmo no período clássico, muitos dos aspectos fundamentais da civilização derivam de princípios colocados no mundo egípcio”.

A cultura clássica grega foi incorporada pelos romanos após a conquista da Grécia por Roma, entretanto, neste ciclo histórico, com a decadência do Império Romano houve o fortalecimento do cristianismo. Surgindo assim, uma grande e soberana influência da Igreja, incluindo sobretudo a educação ocidental.

Junto à revolução cristã, há uma organização da Paidéia no sentido religioso e assim estabelecendo a Paidéia cristã por volta do séc. V d.C. Esta nova visão de mundo passa a ser ancorada no modelo da pessoa de Cristo (CAMBI, p. 38; BITTAR, 2009, p.24-25). Há uma profunda revolução cultural no mundo antigo. Uma revolução de mentalidade e a afirmação de um novo homem: igualitário, solidário, humilde (Cambi, 1999, p. 121).

O que era negativo no mundo antigo, como fraqueza, tolerância, compaixão, passou a ser difundido no cristianismo, especialmente pelo apóstolo Paulo. O cristianismo se tornou a religião oficial do mundo romano.

Há uma ruptura em relação ao mundo antigo e novos valores prevalecem: a humildade sobre o poder, a paz diante da força (CAMBI, p.122). Nasce um novo modelo de sociedade fundamentada pelos valores do Evangelho. A Igreja fundada por Cristo é a instituição mais alta, há um predomínio da religiosidade. As antigas religiões do mundo grego são substituídas pelo princípio de uma divindade única, onipresente e onipotente, princípio originariamente judaico (BITTAR, 2009, p. 24).

Enquanto na educação grega predominava o caráter político (falar e fazer), na educação cristã há uma inversão de valores, sendo que o traço fundamental passa a ser a formação do cristão (BITTAR, 2012, p. 25).

A educação passa a ser ministrada pelos padres da Igreja, estes, por sua vez, são os intérpretes teóricos e orgânicos da mensagem cristã. A Igreja desenvolve uma ação educativa: organiza suas próprias práticas e sua própria teorização pedagógica.

Uma das estruturas educativas elaboradas pelo cristianismo e que deixou uma marca fundamental no Ocidente foi o mosteiro. Essa instituição, localizada longe da vida urbana, era um lugar para formação do cristão orientando-o à vida espiritual no sentido religioso. Tinha o intuito de disciplinar a vida interior das tormentas das paixões e submetê-la ao guia da razão e fé (CAMBI, 1999, p. 130).

Nos mosteiros ficavam os monges, dentre eles os cenobitas, aqueles que tinham uma vida em comum sob a mesma regra, sendo que esta convivência visava uniformizar e elevar a conduta de todos (MANACORDA, 1989, p. 117). Para os mosteiros também iam as crianças humildes para serem preparadas para a vida monástica. Segundo Manacorda (1992, p.116), estas crianças oferecidas (*oblatis*) aos conventos pelos pais era um destino melhor do que ser vendidas aos bárbaros na época de Valentiniano III.

Nestes mosteiros havia monges que liam, outros que não liam bem e outros analfabetos.

Outro tipo de escola predominante na Idade Média são as catedrais. Estas instituições eram localizadas nos centros urbanos onde se ensinava o alfabeto para as crianças de classes sociais populares (BITTAR, 2012, p. 26).

Em ambos os casos, nos mosteiros e catedrais, “a educação tinha caráter de aculturação, isto é, o seu objetivo era formar o cristão” (Bittar, 2012, p. 27). Segundo Manacorda (1989, p. 128), esta é a nova atitude cristã de abertura da educação a todos (mais aculturação que educação). Há uma reelaboração cultural, pois tanto as catedrais quanto os cenóbios são a nova escola, seus discípulos não são mais somente os filhos das classes dominantes, mas também as crianças de origem humilde e aquelas escravas de ultramar resgatadas pelos conventos.

O método utilizado na escola cristã também teve como princípio o uso da memorização e repetição, do aprender de cor. Além disso, há relatos transcritos por

Manacorda sobre as regras das relações pedagógicas desiguais, onde ao mestre cabe falar e ensinar e ao discípulo calar e escutar. Mesmo que nestas regras estão presentes as relações afetuosas, recomendando-se que os mais jovens honrem os mais velhos e os mais velhos amem os mais jovens, há também aceitação do sadismo pedagógico.

Diante dos erros cometidos pelos alunos havia a punição tanto dos adultos quanto das crianças e ainda uma distinção quanto ao tipo de punição. Diante do erro, o adulto deveria se humilhar perante todos e as crianças deveriam ser açoitadas (MANACORDA, 1989, p. 119).

Embora a Idade Média seja tida como o período das trevas, foi em torno do ano 1000 que surgiram as primeiras universidades (BITTAR, 2012, p.29).

As universidades surgiram no interior das catedrais, sobretudo na Itália e França, onde evoluíram o novo instituto de universidade, denominado no primeiro momento por *studium generale*.

Nestas instituições seguiam modelos diferentes daqueles adotados nos séculos anteriores em toda a Europa. Entretanto, utilizavam um rigoroso itinerário de estudos fixado nos estatutos e submetidos ao controle da corporação.

Em Paris, em 1150, instituíram um curso de artes liberais (*trivium*). Bolonha no início dos anos 1100 torna-se o centro de estudo de direito. A formação dos estudantes nas universidades medievais ocorre por meio de um rigoroso método de ensino do qual Abelardo (1079-1142) foi o iniciador. Neste método vigorava a dialética (razão) como forma soberana de pensamento e a lógica como instrumento de regulamentação da linguagem (CAMBI, 1999, p. 185). Este método, também delineado por Hugo de Saint-Victor, é considerado inovador dos processos educativos.

As universidades medievais não são só estabelecimentos de ensino superior, inclusive o jovem podia ser admitido no *studium* entre 12 e 15 anos de idade (Ullmann, 1974, p.397). Assim como ocorre nos dias atuais, ao ingressar nestas universidades, os estudantes também passavam por ritos burlescos. Por exemplo, eram obrigados a ostentarem um par de cornos na cabeça, usar orelhas de asno, etc. Estes rituais foram posteriormente explicados por Lutero como sendo símbolo dos vícios e ignorância que o jovem devia depor ao ingressar na universidade (ULLMANN, 1974, p. 399).

Nestas instituições há um tipo novo e inquieto de intelectual, representado pelos goliardos ou clérigos vagantes. Estes eram migrantes, indo de uma cidade a outra. Dentre eles haviam os poetas e menestréis, até mesmo assaltantes (ULLMANN, p. 401). Criticavam a ordem social, religiosa e laica (atacam os nobres e os frades, por exemplo) (CAMBI, 1999, p.185).

Nas universidades também havia castigo e escárnio com o aluno preguiçoso ou que não aprendia. Em seu pescoço era colocada uma cabeça de asno e a ele era dada a nota *asini* (distintivo de asno). Pedagogos protestantes foram contra a estes procedimentos.

Quanto às classes econômicas, também aos estudantes pobres era concedida a oportunidade de estudo nas universidades, visto que estes eram isentos de pagarem as taxas. Deste modo, os professores viviam de benefícios eclesiásticos, e a maioria levava uma vida modesta. Nas universidades havia mais investimento nos alunos e menos na construção de prédios para a prática acadêmicas. Somente no final do século XIII que os professores começaram a alugar salas. Consta que Oxford (Inglaterra) foi a primeira universidade a ter edifício próprio (ULLMANN, 1994, p. 408).

Concluindo, gostaria de deixar uma reflexão com base em Cambi (1999, p. 142-146) que sobre a Idade Média há uma imagem humanista como sendo a fase dos “séculos obscuros”, caracterizados pela regressão da civilização, ou também, referida por historiadores como sendo uma época do meio entre dois momentos altos: o mundo antigo e o mundo moderno. Entretanto, há também uma visão histórica mais complexa da Idade Média, sendo esta uma época de formação da Europa cristã e que muito contribuiu para a formação da identidade do homem moderno em torno dos valores e dos princípios da religião. A Igreja, como sendo a instituição-chave da sociedade medieval, foi o que nutriu a Europa colocando-a no centro do âmbito cultural. É da Igreja que partem os modelos educativos e as práticas de formação que ainda estão presentes na escola contemporânea. Práticas como: professor que ensina a muitos alunos, discussão, exercício, arguição, prêmios, castigos, avaliações, etc, vêm da organização dos estudos nas escolas monásticas, nas catedrais e nas universidades.

Referências Bibliográficas

- JAEGER, Werner. **Paideia: A formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BITTAR, M. **A educação da Antiguidade: o que ela nos legou?** São Carlos, SEaD UFSCar, 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=drwiQZWhRtQ&t=61s>, acesso em 18 de abril de 2018.
- BITTAR, M. **História da Educação – da Antiguidade à época contemporânea**. São Carlos, EdUFSCar, 2009
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo, Editora Unesp, 1999.
- MANACORDA, M. A. **História da Educação – da antiguidade aos nossos dias**. Tradução de Gaetano Lo Monaco, São Paulo – Cortez Editora, 1992.